

A DISTINÇÃO ENTRE A SAUDADE DA «RAZÃO MÍTICA» E A SAUDADE DA «RAZÃO MISTÉRICA», A PARTIR DE UM DIÁLOGO COM DALILA PEREIRA DA COSTA

SAMUEL DIMAS

UMA TRADIÇÃO ESPIRITUAL LUSÓFONA ENRAIZADA ENTRE
O «PANTEÍSMO MÍTICO CELTA» E O «DEÍSMO LÓGICO GREGO»
NA PROCURA DE UM «TEÍSMO MISTÉRICO JUDAICO-CRISTÃO»

No diálogo com Dalila Pereira da Costa, mística portuguesa da saudade, deparamo-nos com uma dualidade na origem da cultura portuguesa entre as configurações míticas celtas e hindus de tendência panteizante e as elaborações teológicas e filosóficas gregas e cristãs de tendência deizante. Na mundividência atual de inter-relação entre filosofia, ciência e religião, estes «mitos vividos na história ou sonhados na poesia e profecia»¹ já não são eficazes na sua função de traduzir a sede do ideal supra-humano, porque se constituem como um discurso anacrónico de configuração mítica num tempo cuja espiritualidade já é delineada pela configuração mistérica na procura de superação da configuração lógica deísta e agnóstica da modernidade que por sua vez se apresentara como reação a uma configuração teísta medieval que reduzia o divino às categorias humanas, nomeadamente através de uma apropriação literal dos textos revelados.

Ora, para Dalila, o conhecimento saudoso da tradição luso-galaica, que é um conhecimento de experiência ou vivência espiritual em união com o mistério divino transcendente, traduz precisamente a especificidade da nossa cultura que, resistindo às propostas cientificistas e filosóficas racionalistas, conserva uma inteligibilidade mística anterior à da racionalidade lógica discursiva. No seu entendimento, a cultura luso-galaica vive o seu tempo de forma anacrónica, preservando modelos de configuração espiritual da realidade já ultrapassados no mundo ocidental². Esta resistência ao progresso filosófico e científico é concebida pela autora como uma virtude da cultura lusófona embebida no sentimento espiritual

¹ Dalila Pereira da Costa, *Portugal Renascido* (Lisboa: Fundação Lusíada, 2001), p. 174.

² Dalila Pereira da Costa, «Saudade, unidade perdida, unidade reencontrada», in *Filosofia da Saudade* (Lisboa, INCM, 1986), p. 354.



da saudade que lhe garante um conhecimento prático e contemplativo, cordial e intuitivo e que lhe proporciona uma ascensão soteriológica à união com Deus: «(...) esse conhecimento põe o homem que o detém, em contacto com uma realidade suprema e fazendo-o dela participar, nela já viver, que é a alegria em toda a sua força de libertação, revelando-lhe que a verdadeira realidade do mundo é isenta de devir, mudança e sua dor (...)» (*ibid.*, p. 352). O acesso ao bem da eternidade é proporcionado pela experiência da saudade, entendida como um estado superior da consciência, já liberto do tempo e do espaço, que eleva o ser humano à sua condição supraconsciente de imortalidade: «(...) um caminhar de purgação, ascese, largar sucessivo de camadas humanas para o atingir dum ser ou estado supra-humano (...)» (*ibid.*, pp. 356-357). Mas por que razão é necessário contrapor esta inteligibilidade mística e poética à inteligibilidade metafísica e científica, ao ponto de ser associada à espiritualidade portuguesa tradicional por oposição à espiritualidade europeia moderna que se gerou com o iluminismo e o desenvolvimento científico? Dalila considera mesmo que esta mundividência mítica e mística, desenvolvida pelo conhecimento da saudade, se constitui como uma reserva ou tesouro desconhecido da cultura europeia e que importa desenterrar, partilhar e aplicar.

É verdadeiro o grande impacto da configuração mítica do real no contexto espiritualista místico do senso comum lusófono, que se traduz pelas diversas manifestações da religiosidade popular que ainda incluem expressões de indiferenciação monista entre o humano e o divino, mas já não é credível no plano da reflexão científica das ciências humanas e das ciências naturais e, por isso, de expressão irrisória e anacrónica entre aqueles que procuram uma compreensão racional de sentido no diálogo entre filosofia, ciência e religião. Por distinção com Dalila, consideramos que este tesouro cultural da inteligibilidade saudosa não pode ser aplicado aos dias de hoje sem a superação do anacronismo, em diálogo hermenêutico com os novos conhecimentos filosóficos, teológicos e científicos. Concordamos que devemos divulgar este tesouro de um saber que não se reduz à racionalidade lógico-analítica das ideias claras e distintas e resulta do uso do ser humano na unidade heterogénea integral da sua intuição e razão, imaginação e abstração. Concordamos que este saber supera o dualismo cartesiano entre corpo e alma ou cérebro e mente, integrando-se numa visão tripartida do ser humano enquanto corpo, alma e espírito, ou cérebro, mente e consciência. Concordamos que esta ascese nos eleva a uma consciência superior de trans-racionalidade e trans-concetualidade, que a autora chama de «ultra-razão» (*ibid.*, p. 357), mas consideramos que esta condição já não corresponde à inteligibilidade tradicional da configuração mítica do real e da espiritualidade mística, sendo necessário uma categorização nova para traduzir esta manifestação saudosa de conhecimento superior. Já não é o conhecimento mítico presente na espiritualidade mística



da ação divina que determina os acontecimentos mundanos, também não é um mero conhecimento lógico que recusa a presença divina na sua criação, mas é um conhecimento mistérico que afirma a simultaneidade paradoxal da transcendência imanente do mistério de Deus.

A razão mistérica, que enunciamos, procura superar os movimentos fideístas modernos inspirados em David Hume e Kant que cindiam filosofia e teologia, ciência e religião, remetendo o divino para o estrito plano da moral, da fé ou da crença supersticiosa, e procura superar os movimentos panteístas esotéricos, de inspiração idealista romântica, que recuperavam a configuração espiritual da realidade através da indiferenciação entre ontologia e cosmologia, Deus e mundo. O conhecimento da saudade não é datado, não pertence apenas a uma época e a um lugar, restando-nos a possibilidade de o reproduzir anacronicamente, porque como qualquer outro conhecimento é dinâmico e precisa de ser atualizado hermenêuticamente. A racionalidade da experiência mistérica é fenomenológico-hermenêutica e exige um diálogo interdisciplinar. Conciliar a transcendência e a imanência de Deus na realidade em que se comunica e manifesta sem as categorias deístas dualistas e panteístas monistas, passou a ser a tarefa mais importante da metafísica contemporânea que atende à fenomenologia e à hermenêutica histórica. Como conceber a presença providencial de Deus numa Criação que revela ações e movimentos autónomos do Criador?

RAZÃO MISTÉRICA TEÍSTA E PANTITEÍSTA NO ÂMBITO DE UMA METAFÍSICA RELACIONAL IDEO-REALISTA

Por via do desenvolvimento civilizacional da razão lógico-científica, a razão mítica panteísta e animista das religiões cósmicas ancestrais foi transfigurada na razão mistérica teísta e pantiteísta das religiões da interioridade de acordo com a apropriação das categorias filosóficas e teológicas em diálogo com a ciência da época. Na linha da tradição platónica, durante a patrística e a filosofia medieval, razão mítica e razão lógica confundiram-se, num equilíbrio aparente que já incluía o processo bíblico de desmitificação. A partir dos alvares do renascimento e da modernidade, deu-se uma cisão entre razão mítica e razão lógico-científica, entre espiritualidade mística e teologia especulativa, entre religião e ciência, agravada pelos pietismos e fideísmos jansenistas.

Só a partir do século XX se viria a consolidar a relação de complementaridade entre a razão intemporal mítica, a razão histórica profética e a razão progressiva e evolutiva científica. A nova lógica metafísica daí resultante deixou de ser o substancialismo estático da cosmologia aristotélico-ptolemaica e passou a ser a relação dinâmica da nova cosmologia criacionista e evolutiva. No campo da experiência espiritual da realidade esta dupla alteração da cosmologia arcaica para



a cosmologia greco-romana e judaico-cristã e da metafísica substancialista grega de inspiração intemporal mítica para a metafísica relacional de inspiração histórica profética instaurou uma nova racionalidade que reconhece a impossibilidade terrena da posse da verdade divina e da perfeita e consumada união existencial com a sua essência. Reconhecimento que já está plasmado na teoria medieval do conhecimento analógico do ser divino. No âmbito do modelo místico, o conhecimento contemplativo e transcendente da saudade, que é um «conhecimento-vivência», já não aspira à verdade unívoca eterna, nela se confundindo (*ibid.*, p. 360), porque pressupõe o carácter ontológico e metafísico do mistério e considera que a dissemelhança entre os seres e o ser não pertence apenas ao fluxo transitório da existência, mas também à realidade essencial da relação ou alteridade que os constitui. O desejo saudoso de regresso a um amor ou bem permanente, que na condição existencial terrena se vive de forma intermitente, não significa a posse ou consumação desse bem absoluto, esgotando-o ontologicamente e gnosiológicamente, porque o bem é eterno excesso e o desejo saudoso traduz o sentimento desse horizonte infinito. Vencer a morte na alegria amorosa da saudade é perpetuar a vida e o reconhecimento desse amor infinito não se faz apenas de forma imediata e cordial, mas também de forma mediata e reflexiva. Não há um ver angélico que se oponha ao terreno, porque no ser humano todas as faculdades estão em correlação. Cada faculdade se dirige a um núcleo distinto da relação com o real, mas a sua compreensão ou inteligibilidade exige o contributo orgânico de todas.

Por via dos contributos da razão histórico-profética e da razão lógico-científica, a razão mítica de outrora transfigurou-se na razão mística de hoje que recebe a manifestação divina de forma simultaneamente transcendente e imanente, ausente e presente, num paradoxo que excede os limites da lógica aristotélica mas não cede ao absurdo dos irracionalismos em que tudo é possível. No plano dos movimentos espirituais idealistas a relação mística com o divino expressa-se em termos panenteístas ou pantiteístas, por distinção com os panteísmos míticos de pura identidade sem lugar para o excesso do ser. No plano dos movimentos espirituais ideo-realistas, a relação mística com Deus expressa-se em termos de um pantiteísmo personalista e criacionista em que o carácter ontológico da relação saudosa de alteridade preserva a compreensão da união divina como comunhão e não como fusão. Ao contrário do enunciado por Dalila, no modelo da configuração mística do real, o conhecimento subjetivo saudoso, também presente na experiência poética e na experiência mística, não visa fundir o seu ser individual com o Ser absoluto numa união de identidade (*ibid.*, p. 363), mas visa comunicar com o mistério do Ser divino numa união de comunhão que preserva a diferença e o desconhecido da alteridade. A mais pura relação de interioridade, oferecida pela ascese salvífica da saudade não significa uma aniquilação do humano no divino,



mas uma divinização integral do humano e da sua matéria. Pela sua radicação afetiva e corpórea, a experiência saudosa recusa a perspectiva gnóstica de fuga ou libertação do espírito em relação à matéria.

Nós assumimos o desenvolvimento científico e filosófico-teológico presente na metafísica relacional contemporânea como uma síntese mistérica e teísta ou pantiteísta que é superadora do panteísmo mítico e do deísmo lógico, do irracionalismo indiferenciador entre Deus, homem e mundo, e do racionalismo dualista e separador entre o divino e o cosmos. Concebemos a história como um movimento de progressivo desenvolvimento de humanização no sentido de uma plenitude de união amorosa com o divino que terá o seu culminar na dimensão escatológica da vida imortal. Contudo, para Dalila não parece aceitável esta perspectiva de progresso e desenvolvimento da consciência humana, considerando, pelo contrário, que se deve redescobrir a nossa identidade e a verdadeira relação com a realidade recuperando as noções arcaicas de dois mundos coetâneos e de metamorfoses entre o ser humano e os seres naturais expressas pela noção escatológica da metempsicose, tal como ilustrado na poesia trovadoresca: «Metempsicose que, segundo César, era o núcleo central do ensino dos druidas: os portugueses confessando-se ainda nesta sua vivência poética, seus distantes discípulos. Metempsicose, ou transubstanciação, como forma suprema de sacrifício, dita pelo bardo celta do século VI, Taliesin: “Abutre hoje, / Fui javali outrora”»³. Esta configuração da realidade pressupõe a participação mística de todos os seres num único dinamismo vital em que as delimitações espaciais e temporais do mundo visível são anuladas pelo poder da imaginação criadora:

«Nesta força da imaginação criadora, o real sensível sofre assim essa libertação que é transmutação, ou melhor, rebenta seus limites a nós aparentes, abrindo-se para o real absoluto. Dando-se ao mesmo tempo uma perfeita reintegração do homem na natureza e no cosmos: este sempre visto como grande ser vivente que a todos e a tudo em si envolve e contém.» (*ibid.*, p. 199)

A CONFIGURAÇÃO MISTÉRICA DO REAL NA SAUDADE FUTURANTE COMO ALTERNATIVA À CONFIGURAÇÃO MÍTICA NA SAUDADE PRETÉRITA

Dalila parece abandonar a perspectiva cristã de tempo linear histórico-progressivo em nome da perspectiva hindu e grega de tempo circular, associando a saudade ao desejo de retornar a uma unidade perdida pela queda ontológica e antropológica, traduzida na imagética bíblica do pecado original e da expulsão do paraíso, mito da origem que segue os cânones da cultura religiosa daquele tempo e daqueles lugares. Por isso, recorre à perspectiva oriental do *Karma* para

³ Dalila Pereira da Costa, *Corografia Sagrada* (Porto: Lello & Irmão Editores, 1993), p. 198.



explicar a força teleológica que conduz a pessoa da incompletude ao aperfeiçoamento de si própria num movimento finito incessante: «Há assim uma força em que o homem está inserido e que o conduz inexoravelmente na vida e o molda incessantemente através das suas múltiplas reencarnações»⁴. Como adverte a autora, esta luta da saudade contra o devir da corrente heraclitiana, que recupera a metafísica platónica inspirada em Parménides, estanca esse fluxo no círculo do eterno retorno, que em rigor é um movimento espiralar de ascensão progressiva a uma condição celestial: «E transportando-nos para dentro dele, fazendo-nos viver e conhecer, não num espaço euclidiano, mas num espaço curvo» (*ibid.*, p. 371). Na configuração da racionalidade mítica e da racionalidade mística, a saudade traduz o desejo de retorno à identidade panteísta perdida pela separação. Um movimento de retorno do sofrimento da vida terrestre à alegria da vida celeste, após a cisão ou queda ontológica que é concebida como necessária para uma mais perfeita e absoluta unidade ou identidade:

«Sempre na saudade, como na mística, poesia, filosofia, como vias de conhecimento, a um tempo de manifestação do eterno e participação e assunção ao eterno, a cisão será o necessário estado que permite a união. Só pela absoluta alteridade é possível a absoluta identidade. A saudade, tal como essas vias, é no homem, a filha da Queda, e como elas visa e alcança o Regresso ao Paraíso, como consumação da Aliança: o reatar no grande retorno, da unidade perdida.» (*ibid.*, pp. 372-373)

Esta metafísica da saudade está assente no modelo cosmológico aristotélico-ptolemaico e pressupõe a perspectiva de uma pré-existência divina celestial, tornando-se anacrónica para a metafísica atual que dialoga com a física dos modelos que se seguiram a Copérnico. A metafísica da saudade que traduz cordialmente e sentimentalmente a relação de revelação de Deus ao homem e de ascensão do homem a Deus adquire na tradição judaico-cristã uma perspectiva linear que recusa a visão neoplatónica de retorno ao pleroma divino e recusa a visão mítica ou milenarista de retorno ao paraíso terrenal. A noção cosmológica da pré-existência de um paraíso celestial foi substituída pela noção teológica do plano paradisíaco na mente de Deus criador e a noção mítica e milenarista de paraíso terreno em graça divina de vida imortal, em perfeita harmonia entre todas as criaturas, foi substituída pela noção de paraíso espiritual no futuro escatológico da nova criação. No entanto, Dalila ainda segue a perspectiva circular grega de retorno da pluralidade do tempo à unidade da eternidade, como via de restauração da origem antes da Queda:

⁴ Dalila Pereira da Costa, «Saudade, unidade perdida, unidade reencontrada», in *Filosofia da Saudade*, p. 369.



«O tempo será a eternidade maculada, já depois de ter sofrido a Queda. E a saudade será a força de regresso ao paraíso, como o refazer inverso da Queda, levando o homem e a natureza, nas suas condições de criados, no tempo e no espaço, ou na sua dualidade, à sua vera realidade, ou estado primeiro, como antes da Queda – na sua unidade.»⁵

Ora, na perspetiva da razão mistérica, o tempo não é uma realidade aparente ou ilusória, fruto de uma cisão ou degradação da eternidade, mas é a realidade verdadeira da eternidade divina na sua manifestação terrena e histórica. Não é uma degeneração, mas é manifestação da superabundância do amor de Deus criador que se quis comunicar *ad extra* na forma dos seres cósmicos que no ambiente terreno adquiriram o seu desenvolvimento máximo na consciência humana.

Em linha com a metafísica mítica circular que situa a verdade no passado, anterior ao declínio e não no futuro resultante do progresso, a filosofia da história de Dalila remete-nos para a importância de descobrirmos as raízes arcaicas das tradições culturais que chegaram até nós, situando aí a chave de leitura verdadeira na interpretação da realidade e da relação entre o mundano e o divino, por contraposição com a cultura daquilo a que chama o «Ocidente moderno», abstrata e estéril, estática e apenas imanente, expressando um universo morto por via do seu materialismo racionalista e pragmatismo positivista. A demanda dos Descobrimentos, bem como o movimento cultural do Romantismo de autores como Almeida Garret, teriam a sua verdadeira origem nesta herança portuguesa dos celtas. Para a autora o que vai acontecendo de bom e de espiritual na História é o resultado de uma recuperação dos valores e princípios da configuração mítica ancestral pré-romana e pré-cristã:

«No passado, seria esta mundividência dos celtas, animada, dinâmica, para além de todos os limites da lógica puramente humana racional, mas antes, na sua poderosa força de imaginação criadora e paixão, sua profunda vivência religiosa e seu sentido escatológico, esperançoso e exultante da morte, vista como plenitude da vida e com ela, do amor, sua consciência do transcendente (...)»⁶

Ora, importa esclarecer que a remissão da saudade para uma cultura celta ancestral pertence ao plano de uma história imaginada e não de uma história científica. O mito do celtismo é uma construção romântica do século XIX, pelo que entre o final da idade do bronze e a romanização o que podemos identificar

⁵ Dalila Pereira da Costa, «Saudade, unidade perdida, unidade reencontrada», in Introdução à Saudade (Porto, Lello & Irmão, 1976), 126.

⁶ Dalila Pereira da Costa, *Corografia Sagrada*, p. 200.



na Península Ibérica é uma cultura castreja⁷. A autora estará a referir-se, com certeza, à religiosidade das tradições culturais ancestrais do território nacional cujas manifestações ainda podem ser encontradas em monumentos megalíticos como o cromeleque dos Almendres em Évora, 2000 anos mais antigo que o Stonehenge, na Grã-Bretanha. Estes cromeleques são identificados com a antiga religiosidade pagã associada ao culto cósmico dos Astros e da Natureza. Algumas antigas lendas pan-lusas e pan-célticas defendem que na terra lusíada pré-cristã da atual região de Évora se encontraria enterrado o Templo-Mãe e originário da Tradição megalítica, lugar de cultos e ritos animistas e politeístas que depois se expandiriam pela Península e pelo Continente europeu. O druida não é concebido como um sacerdote, mas como um mago ou feiticeiro que representa a autoridade espiritual e política da cultura celta (*ibid.*, p. 13).

Seguem esta tradição, em diálogo com Dalila Pereira da Costa, os druidas Joaquim Pinto e Luísa Borges que no *Centro Druídico da Lusitânia* recriam o oculto templo megalítico *Mâtir Nemet*, o Templo-Mãe da Lusitânia e, dessa maneira, procuram defender a identidade ancestral do povo luso-galaico, radicando a sua origem entre o Paleolítico e a Idade dos metais. Remetem para autores como o geógrafo e historiador grego Heródoto (sec. V a. C.), o romano Plínio o Velho (sec I) e o latino Avieno da Etrúria, a fundamentação da existência de uma ancestral tribo *Celtici* situada no território entre os rios Tejo-*Tagus* e Guadiana-*Anas*, conjectura que seria retomada em 1887 por João Bonança na sua *Historia da Lusitania e da Iberia*. O mito celta insere-se na narrativa saudosa de uma sabedoria prática e teórica de harmonia indistinta entre espiritualidade, religião, filosofia, ciência e arte, a que se Refere Dalila ao longo da sua obra, nomeadamente a propósito da união entre o culto Endovélico ao deus solar Beleno e o culto de Atégina, avatar da Grande-Deusa, como celebração de purificação, regeneração e poder de perenidade⁸. A associação entre a religiosidade megalítica pré-helénica, que celebrava na força imóvel da pedra (perante a passagem do tempo) a proteção e fixação da alma contra a dissolução da morte, e o culto animista e politeísta da tradição oracular celta (*ibid.*, p. 76), desenvolve-se sob a fundamentação de uma racionalidade mítica que se centra na «história imaginada».

A racionalidade mistérica, sem recusar a importância da fantasia mítica, não deixará de atender à «história científica», remetendo as conjecturas de uma harmonia paradisíaca, não para uma condição existencial ancestral, mas para um futuro escatológico de plena comunhão divina. Por isso, assumir de forma literal

⁷ Marcelino Agís Villaverde, «O Celtismo: mito fundacional do galeguismo», in *Cosmovisões e Mundividências da Orla Atlântica – Filosofia da Cultura Celta* (Porto, Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, 2024), p. 10.

⁸ Dalila Pereira da Costa, *Da Serpente à Imaculada* (Porto, Lello & Irmão – Editores, 1984), p. 73.



e histórica as tradicionais «viagens extáticas extraterrestres» ou «comunhão com os espíritos»⁹ é assumir uma interpretação mítica da realidade que concebia «a vivência directa do divino por uma forma particular experimental e existencial» (*ibid.*, p. 28). A confirmar este registo teosófico de Dalila, a descrição das suas experiências momentâneas de absorção levitante pela divindade¹⁰, das suas «visões» e do seu «contacto com seres mensageiros»¹¹, por via da sua crença na teoria hindu das reencarnações: «(...) conheço por experiência, por fragmentos esparsos, mas quão firmes, vidas minhas passadas através de vários séculos»¹².

A razão de Dalila na compreensão da experiência espiritual da realidade é uma razão mítica, pelo que no seu entender filosófico-teológico, o fim da história que consiste na ascensão do individual humano para o cósmico divino livre do tempo tem na história da espiritualidade portuguesa um contributo providencial pelo testemunho dos seus poetas, místicos e filósofos, nomeadamente os da Renascença Portuguesa¹³. A saudade metafísica instaura no espírito humano o desejo de regressar a esse paraíso perdido em que havia uma indiferenciação entre Deus, homem e mundo e o desejo de regressar a uma tradição cultural que tenha essa compreensão da verdade. Contra o desenvolvimento científico e tecnológico moderno, deveríamos retornar à configuração mítica das religiosidades cósmicas e politeístas animistas e panteístas que na cultura medieval ainda persiste pela via mística da fusão com a essência divina. Para Dalila, os adoradores do deus Endovélico da Lusitânia viviam uma harmonia espiritual de perfeita união entre o céu e a terra, num estado superior de consciência que visava a transcendência e que o sentimento saudoso desperta o desejo de recuperar:

«Nesta linguagem própria dos símbolos que só apontam mas não explicam e nesta sua significação sagrada, devemos ler todos os restos arqueológicos do templo do deus, como sinais conduzindo outrora os homens e ainda a nós, do mundo físico ao mundo espiritual (...) Neste local sagrado, como santuário onde o deus preferentemente descia e se mostrava a seus adoradores, impregnado de sua força, local luminoso, tudo detinha em si um significado, uma palavra a dizer dentro de uma única mensagem, conduzindo o adorante à visão do mundo de beatitude e paz, prometido e concedido pelo deus, aqui, Endovélico, um deus da Lusitânia com a atribuição suprema dum Soter.»¹⁴

⁹ Dalila Pereira da Costa, *Corografia Sagrada*, p. 10.

¹⁰ Dalila Pereira da Costa, *A Força do Mundo*, Porto, Lello e Irmão, 1972, p. 9.

¹¹ Carta enviada a António Quadros no dia 1 de Outubro de 1981, p. 1 (DPC-AQ545-06).

¹² Carta enviada a António Quadros no dia 10 de Novembro de 1989, p. 1 (DPC-AQ545-21).

¹³ Dalila Pereira da Costa, *Contemplação dos Painéis* (Porto: Lello Editores, 2004), p. 96.

¹⁴ Dalila Pereira da Costa, *Da Serpente à Imaculada*, p. 127.



Insistimos na diferença: para a razão mistérica não significa uma libertação do tempo nem do individual pela restauração de uma condição intemporal mítica das religiosidades arcaicas, mas sim uma plenificação do tempo histórico e da sua individualidade na condição futura de mais ser e máximo sentido. A própria Dalila reconhece que o sentimento espiritual da saudade não significa uma saída do tempo, mas uma sublimação do tempo pela união dos seus contrários passado e futuro e uma sublimação do cosmos pela união do imanente com o transcendente (*ibid.*, p. 169). Só não concordamos que esta perspetiva seja identificada com o panteísmo da religiosidade cósmica arcaica da Grande-Deusa, porque de acordo com a nossa racionalidade mistérica pantiteísta o divino excede a sua manifestação imanente e contém um carácter pessoal de que participa a consciência humana como forma mais elevada do desenvolvimento natural que contém em si o dinamismo infável do espírito divino. A união do imanente com o transcendente não significa uma identidade, mas uma paradoxal comunhão física, química, sensitiva, afetiva e intelectual de relações entre todos os seres que se vai progressivamente complexificando.

Ascendemos de uma incompletude da consciência mítica para uma maior completude e humanização da consciência mistérica na síntese superior entre mito e logos que se dá pelo diálogo de complementaridade entre todos os níveis de sentir e de pensar, o que não pode deixar de incluir a historiografia científica e a arqueologia. Se a saudade da razão mítica significa o desejo de regressar à perfeição perdida do paraíso passado, a saudade da razão mistérica significa o desejo de ascender à manifestação plenificante e dinâmica do paraíso futuro. Dalila situa a génese da saudade galaico-portuguesa na religião primeva, devendo-se a isso, o seu carácter heterodoxo e arcaico no contexto da espiritualidade cristã sob a égide de um retorno cíclico da terra ao céu e do céu à terra: «Assim, idêntica estrutura formará já no neolítico a rede subjacente à iconografia paradigmática desse dólmen de Antelas, e na atualidade, ainda à mística da saudade» (*ibid.*, p. 169).

No paraíso futuro não se dá a extinção da relação e da alteridade pela fusão indiferenciadora do divino, mas dá-se a plenificação da relação pela comunhão diferenciadora no divino. O ser humano não se dilui ou extingue em Deus, mas diviniza-se fortalecendo o seu carácter individual, pessoal e único, na relação com Deus. O paraíso futuro não significa a satisfação da saudade de Deus pela extinção n'Ele, mas significa a densificação do desejo saudoso que na comunhão plena de Deus é arrebatada para a eternidade surpreendente de mais ser e mais amor em termos qualitativos. A comunhão na infinitude do Amor nunca se esgota e o desejo de densificação desse amor nunca se extingue, em ascendente plenificação e alegria, justiça e graça.



O DESEJO SAUDOSO DA PLENIFICAÇÃO ESCATOLÓGICA DA VIDA HISTÓRICA EM DEUS

O contributo histórico mais relevante da filosofia portuguesa reside na promoção do ecumenismo religioso e espiritual e na gestação da noção paradoxal de «razão mistérica», proporcionando o desenvolvimento do pensamento e da ação no sentido de um paraíso futuro que não significa a restauração de um passado degradado ou a redenção de um passado decaído, mas sim a manifestação cósmica e histórica de um mundo em progressivo desenvolvimento para a plenificação do Amor. Na noção de «razão mistérica» dá-se a síntese superior analógica da intuição com a razão, da emoção com a inteligência, do fantástico com a exatidão, da obscuridade misteriosa com a clarividência da análise lógico-analítica. Por isso, a verdade espiritual representada no mito não é absolutamente negada, como acontece no positivismo comteano, mas é reinterpretada através da categorização teológica e metafísica, adquirindo um novo alcance transpredicativo. O nível onto-antropológico da consciência transpredicativa ou trans-concetual afirma o carácter metafísico do mistério de Deus que é transcendente à categorização humana e não pode ser determinado intuitivamente na sua essência, manifestando-se de forma simbólica através das suas criaturas e da linguagem poético-metafórica que traduz a experiência inefável da sua presença nas relações afetivas, cognitivas e volitivas do ser humano no mundo.

Através desta racionalidade antropológica relacional, a consumação da vida humana em Deus deixou de ser considerada como despojamento do sensível e do sentimento em nome do inteligível para passar a ser compreendida como plenificação ou divinização da realidade integral desde a dimensão biológica à dimensão noética, tal como traduzido pela expressão bíblica «ressurreição da carne», hoje entendida como permanência após a morte do «corpo próprio» que inclui a vida afetiva, psicológica e intelectual. A saudade do céu não significa o desejo de libertação da terra, mas o desejo de plenificação dessa terra com a superação das suas limitações físicas finitas. Pode dar-se a prefiguração desta plenitude futura nesta vida atual sempre que a força da experiência saudosa nos eleve da simples realidade quotidiana do conhecimento objetivo empírico, de ordem físico-científica, para a realidade interior do conhecimento subjetivo espiritual de ordem mistérico-metafísica: «O conhecimento pela saudade dá-se, tal como aquele pela poesia e pela mística, por um estado interiorizado, que visa à contemplação e não à possessão»¹⁵.

Dalila Pereira da Costa refere-se a esta plenificação como um progressivo movimento em que a realidade trans-humana do espírito vai consumindo o corpo

¹⁵ Dalila Pereira da Costa, «Saudade, unidade perdida, unidade reencontrada», in *Filosofia da Saudade*, p. 367.



e a alma, ultrapassando e transmutando o próprio humano (*ibid.*, p. 368), mas cremos que esta descrição ainda está contaminada pela gnose dualista, porque não se trata de ultrapassar o humano, mas sim de o plenificar ou tornar mais humano. O espírito não é algo de extrínseco ao ser humano que se apodera dele para o consumir, alterando-lhe a natureza, mas o espírito é algo de intrínseco à própria essência humana, pelo que na vida da ressurreição em Deus não substitui as realidades do corpo e da alma por justaposição sobrenatural, mas penetra-as integralmente sem as aniquilar, de modo a que continuaremos a sentir o perfume das violetas e a ver as cores do arco-íris, como refere Eduardo Soveral. O conhecimento da saudade é simultaneamente afetivo e espiritual, vivencial e teórico, intuitivo e intelectual.

É essa característica que nos leva a compreender esta unidade orgânica e heterogênea das faculdades humanas, permitindo superar os dualismos e os monismos antropológicos: um sentimento de ser em movimento que deseja a comunhão com o Outro infinito, a qual se vai prefigurando na vida terrena pela comunhão amorosa com os outros finitos. A vivência usufruída anteriormente com desejo de regresso não é, no sentimento saudoso mistérico, a vivência do amor ou do bem na sua plenitude, como defende o conhecimento saudoso da configuração mítica, mas é a participação finita dessa plenitude, a qual nunca existiu no passado, mas que nessa experiência se intui e pressente vir a existir no futuro quando tudo estiver glorificado em Deus. Em vez de um retorno da vida terrestre à vida celeste, no sentido da dupla criação de Orígenes, devemos falar de uma plenificação integral da vida finita na vida infinita de Deus.

